

[Notícia anterior](#)[Próxima notícia](#)

14 mar 2017 | O Globo | DIMITRIUS DANTAS, GUSTAVO SCHMITT CLEIDE CARVALHO E opais@oglobo.com.br

# Caixa 2 é 'modelo reinante' no país', diz Emílio Odebrecht

## Em tom semelhante, José Eduardo Cardozo fala que prática é 'cultural'

*"Sempre existiu. Desde minha época, da época do meu pai" Emílio Odebrecht, Empresário*

Para Emílio Odebrecht e o exministro José Eduardo Cardozo, caixa 2 é usual. "Modelo reinante", disse o empresário. -SÃO PAULO- O uso de caixa 2 para financiar campanhas eleitorais é uma prática tradicional entre os políticos. É o que disseram ontem ao juiz Sérgio Moro o empresário Emílio Odebrecht e o ex-ministro da Justiça José Eduardo Cardozo, que afirmou ainda que nem sempre esses recursos são provenientes de atos de corrupção.

Nas últimas semanas, a criminalização do caixa 2 e do pagamento de propina por meio de doação legal de campanha vem sendo relativizada por políticos e até mesmo pelo ministro do Supremo Tribunal Federal Gilmar Mendes, que também preside o Tribunal Superior Eleitoral (TSE), que fiscaliza o financiamento dos partidos.

Na semana passada, o expresidente Fernando Henrique disse que era preciso separar quem usou dinheiro de caixa 2 em campanha política de quem usou para enriquecimento pessoal. A declaração do tucano foi a senha para que outros políticos e Mendes começassem a relativizar o financiamento ilegal em eleições.

O presidente do TSE disse que a decisão de caixa 2 não é do candidato, mas das empresas, que não querem se expor com políticos, e que era preciso "desmistificar o caixa 2".

Seu colega no STF, o ministro Luís Roberto Barroso disse em entrevista à "Folha de S. Paulo" que pode haver diferença entre caixa 2 e corrupção, "mas ambos são crime". Em entrevista à GloboNews, antes de tomar posse como presidente da suprema Corte, a ministra Cármen Lúcia disse ser contra a anistia para quem fez uso do caixa 2.

— Ilícito é ilícito, anistia só pode ser concedida quando tiver uma causa social que justifique as circunstâncias nas quais ela comparece — disse à época.

Emílio Odebrecht, que falou como testemunha do filho Marcelo, que está preso em Curitiba, disse a Moro que a Odebrecht não tinha um "departamento de propina", como vem sendo dito, apenas "um responsável por operacionalizar recursos não contabilizados". Disse que sabia da existência de caixa 2 e de contribuições ao PT, mas não dos detalhes.

— Sim, sabia que existia uso de recursos não contabilizados. Sempre foi modelo reinante no país e que veio até recentemente. Houve um impedimento a partir de 2014. Até então, sempre existiu. Desde minha época, da época do meu pai (Norberto Odebrecht) e também de Marcelo, sem dúvida — afirmou.

Emílio, que assumiu o conselho de administração da empresa em 2002, disse que na época dele as coisas "eram mais simples".

— Eu desconfio seriamente que sempre houve (caixa 2), porque na minha época existia doação de campanha oficial e não-oficial de recursos não contabilizados.

O ex-ministro José Eduardo Cardozo, que prestou depoimento como testemunha de defesa do ex-ministro da Casa Civil Antonio Palocci, disse que, "infelizmente", o caixa 2 no Brasil é "histórico, cultural", mas que nem sempre "agasalha a prática de corrupção". Para ele, quem causa confusão é o sistema político brasileiro, "anacrônico, atrasado e ultrapassado".

— Não sei quando começou o caixa 2, mas a corrupção começou quando Pedro Álvares Cabral aqui chegou. Consta que Pero Vaz de Caminha, nas cartas, pediu emprego ao rei no Brasil — afirmou o ex-ministro, para quem a corrupção é uma "dimensão estrutural, histórica e cultural".

Impresso e distribuído por NewspaperDirect | www.newspaperdirect.com, EUA/Can: 1.877.980.4040, Intern: 800.6364.6364 | Copyright protegido pelas leis vigentes.

[Notícia anterior](#)[Próxima notícia](#)